

Uma Pseudo-Biografia de Emilio Rodríguez

É possível que exista só uma forma canônica de escrever uma biografia. Pessoalmente devo confessar que não a conheço, e se a conhecesse, provavelmente não seria capaz de escrevê-la. O presente e breve texto me parece estar muito mais próximo de uma narração de histórias (e da história de uma relação) que da história “neutra” de uma vida.

Como *ponto* de partida creio interessante explicitar um outro *ponto*, o “*de vista*”, ou seja, como se situa quem narra esta história dentro do relato mesmo. Algo assim como que, com respeito a Emilio (recentemente falecido aos 84 anos), “*confesso que vivi: memórias*” - parafraseando Neruda.

Não conheço a biografia de Emilio porque a li, nem porque ele me a contou. O que sei parte decididamente de um *tempo* em que convivi com ele, do que ele me disse e do que “soube” acerca dele. Talvez não se precise de mais aclarações para explicar a intimidade, o carinho, a admiração e o agradecimento que podem evidenciar-se nestas linhas.

Conheci Emilio creio que em torno de 1964, ano em que formei parte de um grupo de terapia que ele montou pouco depois de seu regresso do estrangeiro. Eu era um jovem psiquiatra, psicoterapeuta e militante político de esquerda, me analisava com Alberto Tallaferro, que era um reichiano renunciante da Associação Psicanalítica Argentina (APA). Alberto Tallaferro estava fazendo a carreira docente em Psiquiatria e trabalhava com Luisa Alvarez de Toledo (uma analista didata fundadora da APA) em psicoterapia de grupo com coadjuvantes psicodislépticos (LSD). Essa prática (como a maioria que “não fosse puramente psicanalítica”) era mal vista por essa organização (que era ortodoxamente kleiniana e era considerada como sendo a segunda do mundo em importância), mas se a “tolerava” pela hierarquia de Alvarez de Toledo, que pertencia à segunda leva de fundadores da APA.

A experiência grupal com Emilio foi interessantíssima e intensa. Rodrigué falava pouco, mas conseguia dizer com uma precisão quase matemática aquilo que o grupo *estava por dizer e não conseguia*. Essa economia, sutileza e “pontaria” foram típicas também na minha análise individual. Naquela época, nós, os membros do grupo, chegamos a averiguar que Rodrigué tinha feito uma análise didática com Arnaldo Raskovsky (um analista histórico da APA) e que tinha abandonado sua análise por discordâncias com o mesmo. Nós nos inteiramos que, por esse motivo, não pôde começar sua carreira na APA, viajando, portanto, e se estabelecendo na Inglaterra. Segundo ouvimos, ganhava a vida trabalhando como locutor para a América Latina da BBC de Londres e analisando crianças. Ao mesmo tempo, se psicanalisava com Paula Heimann (discípula predileta de Melanie Klein), supervisionava seus casos com a própria Sra. Klein, assim como com Herbert Rosenfeld, Donald Winnicott e Ana Segal. Estudava filosofia com Susanne Langer (importante filósofa britânica da linguagem). Num período de descanso, foi morar numa comunidade terapêutica onde trabalhou com Rappaport e Erik Erikson. Uma formação assim, naqueles tempos, era mais ou menos como ter-se analisado com Freud, supervisionado seus casos com Anna Freud... e ter-se confessado com São Pedro.

Quando voltou para Buenos Aires, o “ex-candidato rejeitado” foi quase imediatamente nomeado Presidente da APA, que era uma organização (como eu a qualifiquei no primeiro texto escrito por um membro do futuro Grupo Plataforma) aristo, geronto e plutocrática, de declarada vocação kleiniana. Ter que “engolir” Rodrigué deve ter sido muito difícil para os reacionários patriarcas da organização.

Foi nesse momento que eu me apresentei como aspirante para ingressar na carreira psicanalítica da APA. No horizonte científico-profissional da época, um especialista em saúde mental tinha essa perspectiva (onerosa, difícil e sofisticada) como a máxima conquista possível em sua carreira. O processo de seleção consistia em três entrevistas com analistas didatas e um

teste de Rorschach, sendo que a eventual aprovação nessa seleção ainda implicava esperar três ou quatro anos até que algum dos didatas tivesse hora e o aceitasse como analisando.

Fiz o citado ritual em duas oportunidades, e fui reprovado nas duas, sem receber o menor retorno acerca do porquê dessa rejeição. Indignado pelo que entendia como uma falta total de respeito, solicitei uma entrevista com um membro da Comissão de Ensino (coisa que absolutamente ninguém fazia nesses casos). O psicanalista que concedeu essa entrevista foi cinicamente sincero comigo e me deixou entender que: analisando-me com um apóstata (Tallaferro) e sendo um conhecido (e briguento) militante de esquerda, considerava-se que eu não tinha condições para fazer a carreira analítica ortodoxa.

Profundamente revoltado com essa arbitrariedade, solicitei uma entrevista a meu analista de grupo (Rodrigué), o ex-rejeitado e contemporaneamente presidente da APA. Emilio me escutou em silêncio, com um imperceptível sorriso e ao final do encontro ofereceu dar-me uma vaga para análise didática, o que era quase um presente “divino” nessa conjuntura. Depois de um tempo de analisar-me com ele, me apresentei de novo às entrevistas para candidato e fui aceito (para bem ou para mal) *sem o menor problema*.

Fiz minha análise didática com Emilio por três anos, durante o percurso de minha participação nos seminários da APA, além de estudar bastante os clássicos da psicanálise, com professores poucas vezes bons.

Creio que foi por aquela época que se revelou a vocação de Emilio como escritor, dado que publicou seu primeiro livro de contos - “Plenipotência”-, e depois outro - “Heroína” -, sendo que o segundo resultou no *script* de um filme do mesmo nome.

No ínterim, a partir de nossa militância política e de um grupo de discussão que vários amigos e eu formamos com a coordenação de José Bleger, conspirávamos incessantemente no seio da APA, desde nossos

diversos lugares na organização, em prol de uma democratização do estabelecimento.

Dois de nós tinham estado no Congresso em Roma no qual se fundou o Movimento de esquerda Plataforma Internacional. Quando ficamos convencidos que a APA não era transformável desde dentro, convocamos todos os que nos tinham mostrado solidariedade e decidimos formar o Grupo Argentino Plataforma.

Emilio, meu solene analista didata e Presidente da APA, e como ele mesmo se chamou “um príncipe ingênuo”, convidou-me, *durante uma sessão, a levantar-me do divã para escrevermos juntos o manifesto de fundação de Plataforma!* Creio que esse gesto foi o mais “curativo” da minha análise (se é que alguma “saúde mental” eu tenho para gabar-me).

Desde esse momento, já em plena ditadura militar do General Onganía, Emilio se viu transformado em Presidente da Federação Argentina de Psiquiatras, em consultor do Centro Argentino de Docência e Investigações da Coordenadora de Saúde Mental, e num dos mentores de toda a estratégia do Grupo Plataforma Argentino. Tais cargos já implicavam, nesse período, um enorme risco político, que Emilio assumiu com a mesma aparente inocência e o mesmo humor bonachão que sempre o caracterizaram.

Plataforma funcionou tempestuosamente durante mais ou menos um ano. As rixas internas, expressões do terrorismo de Estado que nos oprimia desde fora, fizeram com que Plataforma se autodissolvesse. Nos anos seguintes, vários de nós foram presos, torturados, mortos ou “desaparecidos”. Começa assim o êxodo de muitos para o estrangeiro, entre os quais se contou Emilio.

Desconheço a trajetória de Rodrigué nas etapas iniciais de seu exílio, mas o certo é que numa passagem por Salvador, capital do Estado da Bahia, ele ficou fascinado com a atmosfera da cidade e se radicou lá para sempre. Na Bahia, Emilio contribuiu à fundação de uma Associação Psicanalítica, proferiu numerosos cursos, deu supervisões, excursionou na linha lacaniana,

começou a prática de Laboratórios, em que combinava sua formidável capacidade psicanalítica com técnicas dos neo-reichianos, gestaltistas, bioenergéticos, e também as sessões individuais ocasionais e circunscritas, às quais os amigos denominavam humoristicamente “shampoos”. Eu tive a oportunidade, na Bahia e no Rio de Janeiro, de receber todos esses serviços.

Emilio fez várias viagens de trabalho-turismo para diversos países da Europa, EEUU (especialmente ao Instituto Esalen) e América Latina (destacando-se uma expedição ao interior de México, para fazer experiências com peyote).

Estabeleceu um produtivo relacionamento com alguns colegas, e com diversas pessoas de Salvador. Teve uma variada vida amorosa, mas seu maior amor foi com a cidade e, especialmente, com a praia diante da qual vivia e que freqüentava assiduamente para fazer corridas, nadar e descansar. Denominada Ondina, essa praia foi uma verdadeira fonte de inspiração para Emilio.

Mas sua atividade mais intensa e ininterrupta foi, sem dúvida, a de pesquisador e redator de seus trabalhos psicanalíticos e a de literato. Rodrigué escrevia constante e sistematicamente, tanto livros e artigos da especialidade como contos, novelas e romances.

Misturando um pouco os diferentes gêneros de sua obra, direi que seus principais escritos foram: *Psicoterapia de Grupo – Enfoque Psicanalítico* (1956) - junto com Marie Langer e León Grinberg ; *O Contexto do Processo Psicanalítico* (1965) - com Geneviève Rodrigué; *Biografia de uma Comunidade terapêutica* (Editora EUDEBA, 1972); *Plenipotência* (Buenos Aires, 1970); *Heroína* (Buenos Aires 1972); *El Antiyo-yo – Nova Proposta Amorosa* (Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1977) - juntamente com Martha Berlín; *O Paciente das 50.000 Horas* (1977); *A Lição de Ondina – Um Manual Psicanalítico de Sabedoria* (1983); *Gigante pela Própria Natureza* (1991); *Sigmund Freud - O Século da Psicanálise* (Editora Escuta, São Paulo, 1995); *El Libro de las Separaciones* (Buenos Aires. Ed Sudamericana, 2001); José

Ingenieros (Internet); *A resposta de Heráclito* (Ed Espacio, Buenos Aires, 2008).

Como comentário despretensioso e assumidamente subjetivo, direi o seguinte: Emilio Rodrigué foi um homem extraordinário, um “bom caráter”, bom amigo, exuberante e viril como amante, um grande e surpreendentemente versátil psicanalista, um excelente literato e um magnífico biógrafo. Sua trajetória política foi estranha e um tanto aleatória, mas, pela mesma razão, singularmente *corajosa*, tanto no âmbito privado como no público. Proveniente de uma família abastada, formou-se médico e se lançou, aos 25 anos de idade, a uma aventura formativa que poucos são capazes de sustentar. Mas, já sábio, reconhecido tanto pela direita como pela esquerda - e bem sucedido como poucos -, jamais deixou de estudar, de pesquisar, de escrever, de aventurar-se, de experimentar, com uma *epistemofilia* inesgotável.

Creio poder afirmar que todos os seus ensaios, concepções e atitudes envolveram, de certa maneira, perigos, desde muito objetivos e graves, até íntimos. Sofreu com dignidade perdas familiares de tremendo peso. Foi capaz de mudar de uma posição privilegiada e confortável de direita, para outra igualmente proeminente de esquerda, num momento em que isso implicava um sério risco. Teve a valentia de deixar essa posição de esquerda, seu país, seus amigos e sua família quando se sentiu oprimido de diversos modos. Soube falar e escrever acerca de gêneros e conteúdos, alguns dos quais foram muito reprovados por diversos grupos que o rodeavam. Nunca teve medo do fracasso nem da solidão. Curiosamente, de toda a epopéia da sua vida, nunca esteve ausente a busca do prazer. Emilio era um hedonista convicto, o que, como sua biografia confirma, jamais significou acomodamento ou concessões.

Este grande intelectual reiterava insistentemente que ele era psicanalista de tempo integral: que trabalhava como analista, que escrevia como psicanalista e que vivia como analista. Com profundo respeito por essa

convicção, me permito questionar *de que tipo de psicanálise e de psicanalista* se tratava. Penso que era uma psicanálise nômade, que já começava uma prodigiosa mutação, ou que Emilio era muito mais que um psicanalista...e não o sabia.

Gregorio F. Baremlitt¹

¹ Gregorio F. Baremlitt é Coordenador Geral da Fundação Gregorio Baremlitt de Minas Gerais. Esquizoanalista e Esquizoadramatista. Livre docente de Psiquiatria e Doutor Honoris Causa pela Universidade das Madres da Praça de Maio, Buenos Aires, Argentina. Foi um dos Fundadores do Grupo Psicanalítico Plataforma Argentino.